



MANNHEIM, Karl (1952). O problema sociológico das gerações. Tradução de Cláudio Marcondes. In: MARIALICE, M. Foracchi (Org). *Karl Mannheim: Sociologia*. São Paulo, Ática, p. 67-95.

Maria Cecília de Sousa Silva

Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG Barbacena

Graduada em Ciências Social

mariaceciliassousa15@gmail.com

Geraldo Magela Rodrigues de Oliveira Neto

Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG Barbacena

Graduado em Ciências Social

geraldoliveira1951@gmail.com

Karl Mannheim foi um sociólogo que dedicou parte de seus trabalhos a analisar, além da política, eixos como a Sociologia do Conhecimento, em que abordou principalmente temas como Quadros de Referências para a formação do indivíduo, bem como temáticas ligadas ao problema sociológico de geração. Foi o primeiro a abordar o tema de forma sociológica, tentando delimitar ao máximo o conceito. Em “Ensaio sobre a Sociologia do Conhecimento” (1952), no segundo capítulo, discorre sobre os temas e subtemas que são, na teoria de Mannheim, fundamentais para abordar o problema sociológico das gerações. O presente texto pretende discutir o referido capítulo, bem como destacar os principais conceitos desenvolvidos pelo sociólogo.

Foi possível notar o poder que Karl Mannheim impôs para tentar explicar e conceituar sociologicamente o debate de geração, questão, como já esmiuçada, fundamental para compreender a estrutura da sociedade, como o próprio autor diz em sua obra. Karl Mannheim parte de um conceito tão amplo e aberto, discutido por diversas áreas das ciências, primeiramente explicando o que não é geração, para assim ter um escopo possível de ser trabalhado, deixando por fim três formas necessárias de entender sociologicamente o conceito de gerações, questões também já postas no presente texto, por exemplo, a geração como posicional e situacional, nas palavras do autor, os conceitos “situação da geração”; “geração enquanto realidade” e, finalmente, “unidade de geração”.

Para forma de organização, serão divididos, a exemplo do capítulo “O problema sociológico das gerações”, as seis principais seções elencadas por Karl Mannheim, sendo elas: “Grupo Concreto”; “A formulação biológica e sociológica do problema das gerações”; “A tendência ‘inerente a’ uma situação social”; “Fatos fundamentais relativos às gerações”; “Status de geração, geração enquanto realidade, unidade de geração” e, finalmente, “A origem das unidades de gerações”. Cabe ainda indicar que os eixos conversam entre si, possibilitando, portanto, a intersecção das seções em tempos distintos.

Grupo Concreto, na concepção de Mannheim, se organiza pela forma de vínculo, afinidade de indivíduos, que são naturais ou conscientemente desenvolvidos, grupos de contato primário, que o indivíduo tem independente do seu querer, como, por exemplo, o vínculo familiar. Porém, só essa definição é pouco para contemplar a questão do conceito de geração para Mannheim, que vai muito além da confabulação de grupos comuns seja no bojo familiar, tribal ou qualquer associação primária. Esse conceito é similar ao que o autor, futuramente, vai indicar como “unidade de geração”, que é, grosso modo, a participação e comunhão de um determinado grupo em resposta às motivações ou “dados mentais” do indivíduo, o conceito será esmiuçado no decorrer do texto. Portanto, nessa primeira parte, o grupo concreto está localizado como uma estrutura que relaciona um grupo de indivíduos, mas geração, em conceito, não se restringe apenas a isso.

Em segundo tópico, o autor engloba o conceito pelo fato biológico empírico, todos os indivíduos nascem e morrem, é um fato, mas a explicação sobre geração não pode ficar cerceada apenas a isso, é fato que pessoas que nascem num mesmo período sócio-histórico compartilham de um mesmo campo comum de realizações. Porém, a forma de visualização e entendimento dessas realizações, ou seja, dessas ideias, tem mais relações com a posição desse indivíduo, em qual grupo ele se localiza, grupo esse que, como destacado anteriormente, tende a ser ocupado em resposta aos “dados mentais” que o indivíduo acumula e expressa. Esse segundo tópico tem estreita relação com o tópico três, em que, para além do nascer e morrer, fato biológico, e nascer em determinado tempo-histórico, Mannheim indica a tendência de pertencimento a determinado grupo, como já dito, a questão de nascer no mesmo período não indica semelhança de visão e posição no mundo, isso é dado através da posição sócio-histórica do indivíduo que, ao comungar com ideias e grupos semelhantes ou condizentes aos seus “dados mentais” recebe uma parcela, uma forma de ver o mundo que é dada ao indivíduo quando esse pertence a determinado grupo etário, para além de receber essa forma de ver e se situar no mundo, o indivíduo tem ainda excluída outras formas possíveis de dados.

O quarto tópico intitulado como “Fatos fundamentais relativos a gerações” cabe um destaque pelas ramificações e pelo exercício de sociedade utópica que o autor propõe, sendo ele: fazer um paralelo entre a sociedade como ela é pelo fato empírico de nascer e morrer e a sociedade onde ninguém morre. Destaca, portanto, subtópicos norteadores do debate, sendo eles:

- a) Novos participantes do processo cultural estão surgindo, enquanto
- b) antigos participantes daquele processo estão continuamente desaparecendo
- c) membros de qualquer uma das gerações apenas pode participar de uma seção temporalmente limitada do processo histórico, e
- d) é necessário, portanto, transmitir continuamente a herança cultural acumulada;
- e) a transição de uma para outra é um processo contínuo (Mannheim, 1952, p. 74).

É nesse período do texto que o autor amarra suas ideias e seus conceitos, é a partir do detalhamento desses cinco itens mencionados acima como os subtópicos, que Mannheim retoma ideias dos três primeiros itens e parte para uma delimitação do que seria o problema sociológico das gerações, em primeiro lugar a questão apontada como a presença de novos participantes estarem surgindo continuamente. Para o autor, esse processo é importante principalmente para organizar e delimitar o que é e o que deixou de ser necessário para a sociedade. É apenas no processo contínuo de entrada de novos integrantes do processo cultural e, interligando ao subtópico dois “antigos participantes daquele processo estão continuamente desaparecendo”; é apenas nesse jogo de nascimento e morte que a sociedade pode se modelar e classificar o que é necessário e o que deixou de ser necessário para o seu próprio processo organizacional. Para além dessa capacidade de julgamento para traçar caminhos diferentes possíveis na sociedade, há também a condição de retirada do peso da juventude, - ora! - se uma sociedade não se modifica e seus atores sociais são intermináveis, a herança cultural e a transmissão de saberes seria mais detalhada, mais robusta, impossibilitando assim os mais jovens de ocupar seus quadros de referência com novidades no mundo e de vivenciar as suas próprias memórias, uma vez que os mais velhos ocupariam com as suas experiências próprias os quadros dos mais jovens.

O terceiro subtópico tem também relação com os dois primeiros “os membros de qualquer uma das gerações pode participar somente de uma seção temporalmente limitada do processo histórico”, tem também a ver com a posição que esses membros ocupam. Como já dito, nascer em um mesmo período histórico não credencia a uma uniformidade nas experiências, isso depende da posição que o indivíduo ocupa no seu grupo, não se pode

caracterizar uniformidade da geração baseando-se apenas na convivência comum de um mesmo tempo histórico, pois um grupo mais velho pode viver a mesma experiência social de um grupo mais jovem. Porém, as considerações se dão pela forma de absorção, pela organização dos dados mentais, pelas respostas que os indivíduos dão aos seus impulsos e isso depende mais da posição do indivíduo em um grupo do que meramente do nascimento e compartilhamento de um mesmo fenômeno sócio-histórico. Por fim, os últimos dois subtópicos “A necessidade de transmissão constante da herança cultural” e a transição contínua de gerações, que, de certo ponto, entrecruzam a necessidade da transmissão de uma herança cultural retorna ao argumento posto há pouco. Em uma sociedade utópica isso não seria necessidade, pois todos estariam vivos e detalhariam as questões, o que gera uma questão de dificuldade organizacional, tanto projetando a vivência das novas gerações, uma vez que essas estariam com seus quadros de referências preenchidas não por si própria, mas pelos atores sociais imortais que passariam o conhecimento como “memórias apropriadas” e dificultariam a condição de “memórias adquiridas pessoalmente” que os mais jovens tenderiam a ter, justamente pela experimentação possível, por terem, na sociedade como ela é, com o fator biológico empírico, seus quadros de referência e suas memórias mais vazias.

O quinto e sexto tópico o autor, de certa forma, retoma pontos já estabelecidos no debate, sendo eles a questão de não ser possível delimitar geração apenas como nascer em um mesmo período histórico social, e delimita, inclusive, a capacidade de existir, em uma mesma geração, unidades que, compartilhando a mesma geração, tem visões, concepções distintas entre si, comprovando, portanto, o tópico inicial do parágrafo. Estabelece ainda guias para a abordagem do tema gerações na delimitação sociológica, propondo pensar categorias distintas, “situação da geração”, “geração enquanto realidade” e “unidade de geração”, o último conceito inclusive é o qual ele debruça a esclarecer na parte final de sua obra, a unidade de geração, citada inicialmente no presente texto, se refere a constituição de uma uniformidade, uma padronização do modo de interpretar o fenômeno histórico social, seja ele qual for, vivenciado em determinado período em consonância com o grupo inserido, isso explica o motivo de vários grupos terem várias interpretações de um mesmo período sócio histórico, uma vez que as unidades de geração, embora compartilhem o mesmo espaço temporal, não se formam de maneira única, podendo explicar, inclusive, posições extremamente distintas. Um exemplo possível para a visualização disso pode ser a própria Pandemia de Covid 19, o fenômeno é comum a todos, porém as formas de resolução, os meios de prevenção, embora tenham, em sua maioria, o atestado científico e especializado do caso, se formam de maneira diferentes. Grupos que enxergam o fenômeno de uma maneira completamente distinta, um com uma preocupação

em relação à proliferação do contágio, outro duvidando do poder letal do vírus, ambos compartilham o mesmo fenômeno, mas os “dados mentais” que cada indivíduo carrega e compartilha e assimila, a posição de cada indivíduo, o preenchimento de seus quadros de referências e o compartilhamento de “identidade de reações” habilitam o indivíduo a ocupar posições distintas e formar, no conceito de Mannheim, unidades de geração.

Recebido: 22 abril 2024

Aprovado: 27 maio 2024